

O Tempo de Jesus. O Mundo e as Instituições Judaicas



Maria da Glória Garcia

Universidade Católica Portuguesa

É com muita satisfação que me encontro na Universidade Católica Portuguesa¹, neste ainda jovem entardecer de um outono avançado que se confunde com o Outubro em que vive.

As razões do meu contentamento são compreensíveis e enunciam-se rapidamente: em primeiro lugar, respondo a convite de um amigo, o Professor João Lourenço; em segundo lugar, o convite respeita ao lançamento de um livro seu, um livro de vida, um livro muito especial *O Tempo de Jesus. O Mundo e as*

¹ Este texto foi apresentado pela Sra. Professora Maria da Glória Garcia no lançamento do volume do P^o. João Lourenço, na Universidade Católica, no dia 22 de Outubro de 2020.

Instituições Judaicas; em terceiro lugar, o livro tem a chancela de qualidade a que a Universidade Católica Editora, e a sua fantástica equipa, nos habituou. Razões de sobejo para estar contente... Mas há mais, e não de somenos: a partilha da apresentação do livro com o biblista e também amigo Professor Alexandre Palma, e a presença em sala de tantos olhares que me dizem tanto, na singularidade com que os fixo. A todos, sem excepção, a minha gratidão, a minha alegria, o calor do meu coração.

Dividi a intervenção em três partes: I. Introdução – o autor e a obra; II. Peregrinação interior; III. Água que faz sede.

I. Introdução – o autor e a obra

O homem dá-se a conhecer pelo que faz. A sua interioridade exterioriza-se em gestos, comportamentos, em escutas, nas situações em que se projecta, nos momentos de encontro com familiares, nas reuniões com amigos, interlocutores do trabalho, conhecidos, em fragmentos de viagem, nas encruzilhadas da vida... em tudo vai construindo a sua coerência, aquilo que realmente é.

A minha memória encontra João Lourenço mal dormido, no cansaço extremo de um regresso do Instituto Inter-Universitário de Macau, de que era então Reitor, após inúmeras atribulações em aeroportos, directo para a sala de entrada da reitoria da Universidade Católica, à espera de ser recebido.

João Lourenço na alegria da celebração eucarística, desdobrando a palavra, elevando o cálice, ajoelhando, comunicando, no Seminário da Luz, no Dia da Universidade Católica.

João Lourenço em sala de aula, em conferência académica, na liderança da Faculdade de Teologia, no Conselho Superior, tolerante, conciliador, combativo, intransigente, consoante as circunstâncias.

João Lourenço, vindo de Braga, rejuvenescido pelos irmãos, sobrinhos e demais família.

João Lourenço segurando um ramo de túlipas, flor oriunda do Médio Oriente, competindo com o brilho nos olhos das histórias contadas de fugas da Jordânia, paisagens de pasmo na Síria e na Arménia, episódios extraordinários vividos na Palestina, em que é difícil não ver a presença do milagre.

João Lourenço na imagem de um presépio que me acompanha no cotidiano de confinamento em que vivo, muito antes deste a que um vírus nos obriga.

João Lourenço e os seus livros ao longo demais de três décadas, *Salmos, Oração do Povo de Deus* (2005), *História e Profecia: o Mundo dos Profetas Bíblicos* (2008), *Guia Bíblico e Cultural da Terra Santa* (2011), também *O mundo em que Jesus viveu – Cultura Judaica do Novo Testamento* (2005), e tantos outros, para além de muitos artigos científicos...

João Lourenço e a palavra escrita, a palavra que fica, a palavra que, depois de impressa já não é só de quem a escreveu.

Pedi-me o Professor João Lourenço para apresentar o seu livro *O Tempo de Jesus. O Mundo e as Instituições Judaicas*, agora também meu e de todos quantos o lerem.

Cortado o cordão umbilical que liga uma qualquer obra ao seu autor através da publicação, o texto adquire vida própria e bate à porta de cada um com sorriso diferente, recebendo um acolhimento igualmente diverso da parte de quem o lê. Uma coisa, porém, desde já afirmo: independentemente do específico acolhimento que cada leitor der ao livro *O Tempo de Jesus. O Mundo e as Instituições Judaicas*, tenho a certeza de que, tal como eu, vai ficar mais rico, mais atento ao que o rodeia, mais curioso relativamente ao que não sabe.

II. Peregrinação interior

A afirmação contida no título do livro, *O Tempo de Jesus*, de imediato me tocou como uma interrogação. Perguntei-me: então, o tempo não faz parte de Jesus, no sentido em que Jesus incorpora o tempo? E continuei a interrogação: não é Jesus o Senhor do Tempo, de tal ordem que de Jesus se pode dizer "para sempre", o que de mais nenhum outro ser se pode dizer? Por outras palavras: não é Jesus, em certo sentido, o Absoluto Temporal?

Jesus e a sua Palavra não tem tempo – respondia eu à interrogação que havia colocado – porque Jesus os tem todos: passado, presente e futuro. Ou, sob outro ângulo: Jesus não tem tempo porque é passado e presente, e assim continuará no futuro.

O que leva também a afirmar, neste diálogo comigo mesma, que Jesus está fora do tempo que cada um de nós tem: o tempo do Professor João Lourenço, o tempo do Professor Alexandre Palma, o tempo da Dra. Anabela Antunes...

Não vos vou maçar mais com as minhas pobres lucubrações desarticuladas a partir do título do livro. Acrescento somente que, por elas caminhando, me vi, de súbito, a pairar no vazio. Senti o desconforto de quem ficou sem amarras e ... a *secura ácida* de quem tem fome.

E um grito surgiu do mais fundo de mim para alto clamar: Jesus existiu no tempo, porque o Pai o quis Vida. E a Vida para ser vivida, precisa de um específico tempo e de um lugar também ele especial. Disso sabemos nós, porque vivemos, porque temos vida, desde logo a que nos trouxe hoje à Católica, a este Anfiteatro com o nome do seu primeiro Reitor, José Bacelar e Oliveira, em razão de uma motivação particular. É a vida que nos une ao tempo, ao lugar. É a vida que nos une à identidade singular do nós.

A afirmação do título do livro do Professor João Lourenço, que me desafiou interrogativamente, encontra-me agora apaziguada. Porque o Pai quis que Jesus fosse Vida, Jesus tem de ter um tempo, o seu tempo. Mais, o sentido de ser Vida e a intensidade de a viver tornam-se ainda mais fortes quando situados num lugar com existência cultural e temporal, com pertença comunitária. E compreende-se que o conhecimento desse tempo, desse lugar, dessa comunidade envolvente tenda a aproximar-nos mais de Jesus, não só porque, pelos sentidos, nos leva mais facilmente até Ele, como ainda, também pelos sentidos, Ele vem mais facilmente até nós.

Com o Professor João Lourenço, profundo conhecedor da Bíblia e viajante inveterado por terras de Israel, Jordânia, Egipto, Turquia, Arménia... por guia – e não conheço melhor –, comecei a peregrinar por entre as instituições judaicas do período intertestamentário e a vivência social de então, levada pela leitura de uma escrita simples mas atraente, uma escrita que flui como um rio e a todos, crentes e não crentes, convida a navegar.

O livro tem nove capítulos antecedidos da lista de siglas e abreviaturas usadas ao longo do texto e de uma introdução, que contextualiza o leitor e lhe dá a

conhecer as condicionantes, bem como as opções do Autor, seguidos de três importantes apêndices – o calendário litúrgico do judaísmo, um dicionário de termos judaicos e a estrutura do Tratado dos Patriarcas da Tradição Judaica –, fundamentais para bem compreender e acompanhar a leitura do livro. A enunciação das fontes e uma bibliografia geral diversificada, fundamentalmente estrangeira, põem termo ao texto que se estende por pouco mais de 300 páginas.

Quem ousa entrar na aventura do conhecimento de uma época histórica recuada e muito rica – e as palavras são-me sugeridas pelo Autor "o que faz desta tarefa uma ousadia quase impossível, uma espécie de atrevimento em que nos vamos aventurar" (p. 11) – tem de definir um objectivo preciso, bem como o itinerário para o alcançar.

O objectivo do Professor João Lourenço fica claramente traçado nas primeiras páginas: dar a conhecer ao leitor a história, a cultura e a religião da comunidade judaica ao tempo de Jesus. Mas o Autor não se fica por aqui. Quer mais. Quer que a leitura do seu texto permita ao leitor construir por si uma outra leitura, qual seja a de compreender mais profundamente a total novidade de Jesus, a mensagem radical, primeira e única que nos deixou.

Não admira que a escolha do itinerário tivesse obedecido a um questionamento realçado na vasta literatura bíblica das últimas décadas, um questionamento que, sem deixar de ser religioso, é mais abrangente, porque também, e porventura fundamentalmente, cultural, social, político. Assim, o itinerário leva-nos por fontes históricas distintas da Sagrada Escritura, através de um vasto e rico manancial de textos, que vão da literatura judaica extra bíblica à narrativa histórica e política, contendo um sem número de coordenadas diversificadas, epigráficas, apocalíticas – estas carregadas de simbolismo e de um passado sem presente que anuncia o futuro redentor –, não esquecendo os 173 textos encontrados nas 11 ou 12 (?) grutas de Qumran, conhecidos como Manuscritos do Mar Morto, e, ainda, os textos rabínicos...

De tudo resulta um vastíssimo acervo de coordenadas que, de *per si* e em conjunto, permitem melhor compreender, além do mais, a profundidade de sentido dos gestos de Jesus, o significado último do seu comportamento perante os

poderes instituídos, o amplo e diversificado alcance da penetração da sua palavra oral na dinâmica da comunidade de então.

Traçado o itinerário, o percurso inicia-se com a percepção da força da identidade cultural judaica (Introdução), construída ao longo dos séculos com os Patriarcas, desde logo, Abraão, chamado a formar um povo que acreditasse num Deus único. Um povo que conhece a fome, a escravidão no Egito, mas também a posterior libertação por Moisés, o percurso pelo deserto, a chegada à Terra Prometida, um povo que se vai diferenciando e isolando dos outros povos, primeiro pela profecia e pela especulação mística, mais tarde pela "devoção à Lei de Moisés (a *Torah*)" (p.25), mas também um povo que vai recebendo e assimilando a cultura grega, e, ainda, a gramática do exercício do poder vindo de Roma.

João Lourenço deixa clara a essencialidade deste início de percurso, já que é no interior do povo judaico, com a força identitária que os séculos cimentaram em redor da escrita, das suas muitas instituições e influências, das suas arraigadas tradições e *modus vivendi*, que se demarca, com não menos força e invulgar capacidade de sedução e expansão, o cristianismo.

Definido o período intertestamentário em cerca de 200 anos (do século II a. C. ao século I d. C.), João Lourenço conduz-nos pelos meandros do mundo político do povo judaico, no âmbito da realidade política internacional (Capítulo I), mostrando as sequelas do desmantelamento do império de Alexandre Magno, os períodos conturbados que se lhe seguiram, a revolta da família dos Macabeus, chefiada por Matatias, contra a presença da cultura grega na região, a restauração do estado judaico, a tomada de Samaria, o apoio dado por Roma, as desinteligências entre irmãos na assunção do poder político e o aproveitamento desta situação pelas legiões romanas que, comandadas por Pompeu, entraram na Palestina para restabelecer a paz. Corria o ano de 63 a. C.. E não faltaria muito tempo para Herodes, educado em Roma, ser proclamado "Rei dos Judeus" (37 a. C.), exercendo o poder ao longo de mais de três décadas (até ao ano 4 a. C.).

João Lourenço obriga-nos a fazer uma paragem aqui e lembra ter Herodes procurado, trabalhando em três frentes:

O Tempo de Jesus. O Mundo e as Instituições Judaicas,
Maria da Glória Garcia

- ✓ primeiro, ganhar a simpatia dos Judeus, através da realização de grandes obras, nomeadamente a construção do Templo, em Jerusalém,
- ✓ segundo, manter a simpatia dos Romanos, através da guerra sem tréguas aos inimigos internos,
- ✓ terceiro, desenvolver uma estratégia de centralização e concentração do poder, tanto no campo religioso como no político-administrativo.

E tudo numa sociedade acentuadamente dividida, de que os Evangelhos irão dar abundantemente nota – os Saduceus, os Fariseus, os Zelotas, os Essénios, os grupos apocalípticos, de cariz religioso (Capítulo V), mas também os Herodianos –, uma sociedade de complexo xadrez humano que vive cansada de intrigas e dramas na corte, lutas e pilhagens na cidade, inclusivamente nas regiões limítrofes, nomeadamente no Egipto e na Turquia, está afogada em impostos, ao mesmo tempo que aprende, de forma dura e dorida, a viver sob diferentes poderes, concretamente políticos, administrativos e religiosos, obedecendo a diferentes leis civis – das cidades, da Judeia, da longínqua Roma –, mas também a leis sagradas, em especial a lei de Moisés, a *Torah*.

O nascimento de Jesus coincide com a transição do poder político. Na senda dos últimos anos do reinado de Herodes, em que Herodes, sentindo-se desprezado pelo povo e sozinho numa fortaleza-palácio do deserto, conspira, além do mais, a morte de filhos e do cunhado, este período é também marcado pela instabilidade política e pela brutalidade.

Dividido o reino pelos três filhos vivos, divisão aceite pelo imperador romano, a Arquelau, além do mais, coube a Judeia e a Samaria, mas as arbitrariedades que cometeu foram tais e tantas que o imperador o teve de depor. Antipas, amante do luxo e ambicioso, recebeu a Galileia e a Pereia, a leste do rio Jordão, e procurou construir uma nova cidade, destinada a ser capital, competindo com Jerusalém, porém sem êxito. Por seu turno, a Filipe, de perfil justo e pacífico, bem diferente dos irmãos, coube um conjunto de territórios sobre os quais não há unanimidade quanto à exacta determinação, sabendo-se que foram anexados mais tarde pela Síria. Ao que vem de ser dito acresce o pedido feito por um grupo de judeus, em Roma, ao imperador, no sentido de não dar o poder a Arquelau ou

Antipas, deixando que os Judeus vivessem democraticamente, segundo as suas próprias leis, desde logo tornando a *Torah* a sua lei civil (p.81-3).

Sem pretender justapor a história de Jesus, constante do Novo Testamento, à narrativa que emerge dos historiadores, situada numa particular geografia, mas sempre movido pelo intuito de melhor compreender a condição messiânica de Jesus, a peregrinação que João Lourenço propõe no seu livro recorda que a Galileia e Jerusalém, mas também a Samaria e a margem do Jordão, são espaços que Jesus percorreu, onde esteve, onde foi.

É, por isso, expectável que, no conturbado e incerto ambiente político então vivido, a sociedade judaica tenha visto em Jesus o Messias, cuja voz encantatória lhe mostrava a existência de um outro tipo de poder, imerso em liberdade interior e alegria, um poder que, ao mesmo tempo, a redimia dos flagelos quotidianos.

Quanto ao ambiente social e económico daquela época (Capítulo II), um ambiente de crise permanente e generalizada, grande pobreza e precariedade das relações intercomunitárias, o caminho pelo qual João Lourenço opta introduz a afirmação da persistência, na cultura judaica, de um humanismo de fundo helénico, patente na liberdade de movimentos, na procura do belo, na busca da justiça comunitária – pese embora a hoje inadmissível aceitação da escravatura –, realidades que permitem compreender quanto Jesus se pôde tornar uma fonte de esperança, de que a multiplicação dos pães, contada nos Evangelhos, é somente um entre muitos, muitos exemplos.

Uma multiplicação que, sendo de pães, nos leva também, tendo João Lourenço por cicerone, ao melhor entendimento da dispersão multiplicada de homens pelo espaço geográfico, a tão falada diáspora judaica (Capítulo IV).

Iniciada longe no tempo com a expansão do mundo helénico e a conquista do Oriente por Alexandre Magno (332 a. C.), mais tarde com a expansão do Império Romano até à destruição de Jerusalém no ano 70 d. C., a diáspora leva a cultura judaica muito para além da Terra Prometida, e não só por razões políticas. Também pela necessidade de sobrevivência. Sendo a Palestina exígua e pobre, a procura de pão, que o mesmo significa a procura de terras férteis constituía um desafio à mobilidade, no desejo de alcançar regiões mais pródigas, como a bacia do

Nilo, a sul (diáspora em terras do Egito), e a Mesopotâmia, a norte (diáspora oriental). Emigrar e ter de adaptar-se a lugares estranhos e a culturas diferentes, algumas hostis, tornou-se marca da identidade judaica. Uma identidade que reganha força e sentido de união na adversidade, seja quando ergue barreiras a influências de fora, nomeadamente influências religiosas pagãs, seja quando solidifica as suas próprias instituições, nomeadamente a centralidade do Templo, que viria ser substituída, após a destruição deste, pela centralidade da lei, *Torah*. Uma identidade que, apesar de tudo, sempre soube cultivar o diálogo com os outros povos.

Desta importante coordenada que é a diáspora, por cuja compreensão caminhámos guiados por João Lourenço, se pode retirar, de um lado, que, de forma algo paradoxal, a diáspora contribuiu para a sobrevivência das instituições e cultura judaicas; de outro, que foi nessa diáspora que a expansão da mensagem de Jesus e a difusão do cristianismo por terras e povos distantes puderam encontrar o fio condutor, quantas vezes perante a hostilidade à pregação apostólica e, mesmo, a perseguição.

Em suma, a afirmação, a conformação e a consolidação da cultura cristã introduziram-se num amplo movimento de dispersão territorial, impregnaram esse movimento de esperança messiânica, e foram ainda mais além.

E a peregrinação proposta por João Lourenço prossegue: percorremos as instituições judaicas (Capítulo III), particularmente as mais representativas, em concreto o Templo, o Sinédrio e o Sacerdócio, depois as teologias do judaísmo intertestamentário (Capítulo VI), de seguida o culto judaico, mas também as suas festas e orações (Capítulo VII), a Sinagoga e a Comunidade (Capítulo VIII).

O Templo como lugar austero (p. 95), presente na tradição bíblica e extra bíblica – "um Deus, um só Templo, uma só Lei" (p. 100) –, lugar de fascínio e do tremendo (p.106), por isso mesmo também lugar central do judaísmo. O Templo erguido em Jerusalém por Herodes e a sua posterior destruição pelas tropas romanas de Tito (ano 70 d. C.). A exigente substituição da centralidade do Templo por uma outra, desprendida de lugar físico, assumida pela *Torah*, acompanha o declínio do poder do sacerdócio, que, no Templo, fazia a mediação com o sagrado.

Por sua vez, o Sinédrio acompanha o cumprimento da lei, dirime conflitos, julga os comportamentos (*Halakah*) de natureza religiosa, assim consolidando a tradição do judaísmo através da lei. Ao mesmo tempo, a construção e manutenção da unidade através da *Torah*, lei das leis, exige trabalho miúdo, quotidiano, de interpretação e actualização às circunstâncias da vida. Empreendido pelos rabinos, este trabalho permite desenvolver uma tradição oral que confere à identidade judaica uma consistência normativa.

Para tornar mais evidente a identidade judaica, João Lourenço faz-nos percorrer as que, em seu entender, são as teologias do judaísmo: de um lado, a santificação do Nome – "Sede santos, porque eu, vosso Deus, sou Santo na vossa Palavra", lê-se no *Levítico*, o livro por excelência do judaísmo (p. 193) –, de outro, a vivência da misericórdia como forma de estar no mundo – porque a misericórdia é a alma, é entrega, é a comunhão com o outro –, finalmente, o messianismo como prospetiva de futuro, traduzido numa teia de conceitos em que a esperança se revela no plural, fruto de tensões e de diálogos (p. 205), mas também – e, fundamentalmente, acrescento eu, peregrina que sou neste também meu peregrinar – como caminho da lei que é também o caminho do que é justo.

A voz messiânica de Jesus, neste tempo e, em especial, neste lugar em que, presencialmente, Ele é, tudo por seu intermédio se agiganta, porque Ele tudo convoca, tudo recolhe, tudo une, tudo expande, tudo multiplica.

A unidade de um povo volve-se na unidade da Humanidade. A comunhão com o outro, a essência do estar de cada um no mundo. E a lei (*Torah*, a lei das leis) que, pela escrita, equilibra as forças centrípetas e centrífugas, centralizando e difundindo, tem, pela luz do espírito, em Jesus, simultaneamente a fonte e o caminho, a memória e a promessa, o testemunho encarnado da própria Vida.

Não surpreende – diz-nos o nosso guia João Lourenço – que o culto e a oração, as vestes e os cânticos, a festa e os ritos, particularmente na sua ligação com os ciclos da natureza e das estações e com o calendário lunar, bem como os respectivos textos de suporte, que integram e sustentam a tradição e a cultura judaicas, influenciem o cristianismo.

Como tão-pouco surpreende que a centralidade da *Torah*, no judaísmo, após a destruição do Templo de Jerusalém, tendo gerado rituais próprios de celebração, tenha permitido, no cristianismo, a transferência dessa centralidade para Jesus, com tudo o que essa transferência globalmente implica:

- a festa celebra-se em qualquer pedaço de terra,
- a oração individual apela à interioridade de cada um, em qualquer momento do dia,
- e a oração colectiva convoca, de um lado, o ambiente familiar, onde quer que exista, de outro, o ambiente comunitário, numa qualquer capela ou catedral

(tal como, no judaísmo, anciãos e homens bons ainda hoje se reúnem para a leitura, interpretação e pregação da *Torah*).

A peregrinação está no fim. O Capítulo IX, o mais pequeno do livro – a peregrinação foi grande; é preciso descansar –, tem por título: "Olhar o mundo judaico a partir do Novo Testamento". O objectivo inicialmente proposto é alcançado. A Carta aos Hebreus – um texto no limite hermenêutico torna claro terem todas as expressões da tradição cultural judaica sido recebidas por Jesus e terem sido por Jesus superadas.

Com Jesus, inicia-se um novo tempo, "o tempo da plenitude".

III – Água que faz sede

É hora de terminar. A terceira e última parte da minha intervenção – "Água que faz sede" – contém, simultaneamente, júbilo, curiosidade e uma recomendação.

O júbilo resulta do prazer de ter lido o livro do Professor João Lourenço *O Tempo de Jesus. O Mundo e as Instituições Judaicas* e com ele embarcado em viagem por espaços, tempos e, particularmente, por saberes que tiram a sede, a água de que necessitamos para viver. Uma água que, em nome de Jesus e do que, no seu tempo, Jesus disse, fez e deu testemunho vivo, compromete cada um e todos na melhoria da convivência social, na partilha do muito ou pouco que houver, na atenção aos outros para que a dignidade, em especial dos mais pobres e frágeis, seja respeitada, no contributo para mais e melhor justiça na comunidade.

O Tempo de Jesus. O Mundo e as Instituições Judaicas,
Maria da Glória Garcia

Quanto à curiosidade, esta decorre de o livro, apesar da água disponibilizada, me ter deixado com sede de saber mais, em concreto, sobre a mulher judaica, o seu papel na história e no dia-a-dia da construção da identidade do povo a que pertence. Sei que, na cultura judaica, *Torah* simboliza a luz (p.205); sei que a festa da luz se celebra perto do Natal (p. 260); sei que é a mãe da família quem, antes do *Qiddush*, acende as velas (p. 270), mas a curiosidade que o livro do Professor João Lourenço em mim despertou leva-me a querer mais. Porque Deus, ao escolher um tempo e um lugar para Jesus, começou por escolher uma mulher, Maria.

Quanto à recomendação: quem tenha sede de saber mais sobre a cultura judaica e sobre o tempo de Jesus, mas também quem julga tudo saber e não precisar de saber mais, que caminhe como eu caminhei pelas páginas do livro do Professor João Lourenço, que procure como eu procurei, e encontrará.